

Universidade Federal de Minas Gerais
Departamento de Ciência da Computação
Recomendações aleatórias

Algumas recomendações minhas (Dorgival Guedes)

Última alteração: 24 de novembro de 2011

Ao longo do tempo, a gente vai acumulando horas no processo de preparar apresentações e textos técnicos e de assistir, ler e/ou avaliar apresentações de outros colegas e alunos. Nesse processo, boas práticas e erros comuns se tornam cada vez mais visíveis, muitas vezes em um processo que parece reforçar os erros.

Há muitos recursos pela rede afora com dicas sobre como preparar seminários, como apresentar seus próprios resultados, como escrever artigos técnicos, etc. (para alguns exemplos, confira minha página associada, de referências úteis). Não é meu objetivo repetir esses trabalhos, afinal, as referências estão lá; meu objetivo é apenas preencher certas lacunas que vão sendo percebidas aqui e ali.

Dorgival

Detalhes de aplicação da língua portuguesa

Obviamente não é minha área de pesquisa, mas anos de janela ajudam...

Alguns comentários a seguir são apenas opiniões pessoais minhas, fique à vontade para discordar e adotar outra linha — a não ser que você seja meu aluno! Outros são recomendações baseadas no meu entendimento do português. Nesses casos, por favor não deixe me contactar se achar que algo está errado, ok?

- **Ponto ou vírgula?** O costume de se usar linguagens de programação e calculadoras nos faz esquecer um fato básico: em português, o sinal de separação de casas decimais em números é a vírgula e não o ponto. O certo é “3,3 GHz”, não “3.3 GHz”, por exemplo. Isso é, inclusive, norma da ABNT (Associação Brasileira de Normas Técnicas). Claro que isso pode ser deixado de lado ao se mostrar a saída direta de um programa, mas não em outros casos.
- **“E” não é precedido por vírgula.** Com o costume com textos técnicos em inglês, onde a regra é oposta, a gente passa a achar que antes de “e” precisamos de uma vírgula (por exemplo, “é importante fazer isso, e também aquilo”). Nesse caso, o “e” é uma *conjunção*, isto é, ele *liga* duas ou mais idéias. Logo, não pode ser separado dessas idéias. Não há exceções justificadas a essa regra, por mais que você pense o contrário, e ponto final. Não, a frase anterior não é um contra-exemplo nem um erro. Nesse caso a vírgula antes do “e” não separa o “e” da idéia original, que era “não há exceções...”, mas sim separa a parte seguinte, “por mais que você pense o contrário”, que é nesse caso uma oração apositiva — daí as duas vírgulas, antes e depois da mesma.
- **Figura ou figura?** Por outra influência da língua inglesa, onde tende-se a colocar maiúsculas em quase tudo (como nos nomes dos meses e dias da semana), muita gente tende a usar as regras mesmas no português (com minúscula) também: “como visto na Figura x...” ou “a Tabela y...” quando não devia. Em português, apenas a legenda da figura ou tabela junto a ela mesma (o *caption* do \LaTeX , por exemplo) é que deve começar com maiúscula (e isso o \LaTeX já faz automaticamente). O certo nos dois casos acima seria “como visto na figura x...” ou “a tabela y...”. Isso está inclusive em documentos de normas da ABNT (vide, por exemplo, item 3.10 da NBF6024, sobre numeração de seções). Como diz um conhecido de um dos meus alunos, que é da área de jornalismo (o conhecido, não o aluno), “mas em que lugar das regras da língua portuguesa está escrito que não devia ser assim?”
- **Anglicismos?** São as palavras originadas no inglês que frequentemente importamos para o português. Na Computação isso é um fenômeno bastante comum e muitas vezes inevitável. Algumas são “aportuguesadas”, outras grafadas como no inglês. Grande parte já foi inclusive incluída nos bons dicionários. Apesar disso, eu sou meio chato com essas coisas: recomendo aos meus alunos que evitem o uso de anglicismos quando existe uma palavra em português que significa exatamente a mesma coisa. Por exemplo:

– performance → desempenho!

- acurácia → exatidão! Para os engenheiros, inclusive, esse último termo é definido pela ABNT, assim como precisão. (Compare, por exemplo, as figuras nos links: <http://www.wellesley.edu/Chemistry> e <http://www.ufpa.br/quimicanalitica/precisaoexatidao.htm>.)
- **Abreviações como *e.g.* e *i.e.*?** Nessa eu sei que não estou completamente correto, pois as duas são abreviaturas de expressões do latim: *exempli gratia* e *id est*. Mas seu uso em textos técnicos é muito mais comum no inglês. Em português, prefiro usar “p.ex.” e “isto é”, mesmo.
- **Et al ou et all?** Nenhum dos dois. Essa expressão vem do latim e é, na verdade, *et alii*, significando “e outros” (também *et aliae* (feminino, “e outras”) e *et alia*, que é a versão neutra). Em geral, pode-se usar *et al.* — com o ponto no fim, obrigatório!
- **Referências bibliográficas.** Outro tópico controverso. Em computação, é comum usarmos identificadores numéricos ou formados pelas iniciais dos autores. Algo como “o trabalho de Fulano [13]...”, ou “como verificado na literatura [XYZ05]...”. *Na minha opinião*, esses colchetes não fazem parte do discurso, são apenas algo como um aposto ou uma observação entre parênteses. Sendo assim, eu recomendo aos meus alunos evitar coisas como “como visto em [13]...”, ou “[XYZ05] afirma que...” e preferir a forma dos dois trechos exemplo anteriores. Basicamente, o texto deve ser escrito de forma que, se você retirar as referências entre colchetes, o que restar continua a fazer sentido.

No modelo padrão para teses e dissertações em \LaTeX do DCC/UFMG, inclusive, já se define dois tipos de citação: `\cite` para quando se pretende usar a referência como parte do texto e `\citep` para quando a citação deve aparecer apenas entre parênteses (colchetes).

Uso do \LaTeX

A melhor ferramenta para o desenvolvimento de textos técnicos (ainda) é o \LaTeX . (Se você ainda não conhece e pretende trabalhar comigo, pode começar a conhecer.)

- **Linhas no editor de textos:** Configure o seu editor de textos para quebrar linhas a cada 80 caracteres, mais ou menos. Não escreva um parágrafo inteiro como uma única linha. Editores como o Word (que interpreta a quebra de linha — *Enter* ou *Return* — como fim de parágrafo) e telas grandes fazem com que alguns prefiram escrever parágrafos longos como uma única linha. Isso tem dois problemas: torna o trabalho de quem usa editores como o vi (p.ex., eu) um pesadelo e dificulta o uso de ferramentas de comparação de texto como o diff.
- **Divisão de sílabas:** Nem sempre se encontra uma instalação do sistema feita com todos os cuidados, especialmente no que diz respeito a problemas específicos do português. Por isso, **confira sempre a quebra de palavras feitas pelo sistema ao fim de cada linha.** Volta-e-meia o sistema se confunde e faz alguma separação de sílabas completamente errada (por exemplo, em uma dissertação de mestrado recente: “ass-imilar”)!
- **Não divisão de sílabas:** O sistema tem alguns problemas para lidar com palavras acentuadas, que muitas vezes invadem a margem direita porque não foi possível ao programa decidir onde quebrá-las. Se isso acontecer, lembre-se do comando de sugestão de divisão de sílabas, o “\-”.
- **Referências bibliográficas:** Em particular, o BibTeX, responsável pela montagem das referências, dependendo do seu ambiente, pode não fazer um bom trabalho na formatação das referências em português. Isso às vezes se deve ao arquivo *.bib* usado (como nomes de meses em inglês), que podem ser corrigidos naquele arquivo, mas às vezes são coisas geradas pelo programa, o que pode exigir edição da saída (por exemplo, em alguns formatos ele podem escrever *pages* ou usar a abreviatura *pp.* A solução mais correta e definitiva seria corrigir os arquivos de configuração dos estilos do \LaTeX , mas isso costuma exigir um domínio maior do sistema. Uma outra solução é editar o arquivo *.bbl* gerado pelo BibTeX, que é o que o \LaTeX realmente usa na produção do documento. Coisas a corrigir são, por exemplo, o uso de *and* para a lista de autores, *pp.* como abreviatura de “páginas”, nomes de meses em inglês, *dissertation*, etc.

Essa edição deve ser feita depois de executar o BibTeX, mas antes de executar o \LaTeX .

Preparação de apresentações

Muito já foi dito, então vamos ao mais importante:

- **Ensaie, ensaie, ensaie...** E ensaie de novo. Se você ainda não tem larga experiência com apresentações, a prática é essencial. Só assim você sabe o tempo que vai gastar de verdade, por exemplo, e vai lembrar de coisas que tinha se esquecido de mencionar.
- **Um slide = +/- 1 a 3 minutos (dependendo do conteúdo)!** Não, não adianta querer apresentar todos aqueles 40 slides com resultados super legais na sua apresentação de 15 minutos: não vai dar. O tempo exato depende do estilo de cada apresentador, mas de um a três minutos por slide normalmente é uma boa aproximação (antigamente, com transparências no retroprojetor, usava-se três minutos, pois elas eram caras e a gente colocava muita coisa em cada uma; agora, com apresentações no computador, tendemos a usar mais slides, com menos conteúdo em cada um).
- **Foque no essencial!** Já que não vai dar para apresentar tanta transparência no tempo que você tem (mesmo!), concentre-se no essencial. Tente responder a pergunta: qual a idéia mais importante que você gostaria que os seus ouvintes levassem da apresentação?
- **Texto: nem de mais, nem de menos...** Quanto texto usar nas transparências? Há controvérsias, mas para quem ainda não tem muita experiência, uma boa regra é: apenas o essencial, mas não menos. O seu público não está lá para passar o tempo todo lendo texto das transparências, muito menos elas devem servir para você lê-las. Por outro lado, elas não devem servir apenas como uma “lista de lavanderia”, apenas com palavras chave para você se lembrar do que vai falar, que não servirá de nada para os ouvintes.
- **Uma imagem, mil palavras...** Normalmente, imagens ajudam muito na apresentação: a imagem dá o arcabouço, você preenche os detalhes. E mil palavras tomam um bom tempo da apresentação, então conte esse tempo se for usar uma figura que você pretende comentar em detalhes!